

Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

Organizadores

José Albio Moreira de Sales
Mirian Nogueira Tavares

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR - Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL - Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior
Daniele Alves Ferreira • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos
Germana Costa Paixão • Herald Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa
Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita
Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

Organizadores
José Albio Moreira de Sales
Mirian Nogueira Tavares

Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

ADÉRITO FERNANDES-MARCOS
ANA CRISTINA DE MORAES
ANA FILIPA MARTINS
ANTÓNIO FRAGOSO
BRUNO MENDES DA SILVA
DENISE MELLER LOSEKANN
ELTER MANUEL CARLOS
ELTON DA SILVA SOUZA
FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO
FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR
GABRIEL EVANGELISTA
JOÃO ÁLVARO FERNANDES
JOSÉ ALBIO MOREIRA SALES
LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES
MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA
MIRIAN NOGUEIRA TAVARES
NATÁLIA LARANJINHA
PEDRO ALVES DA VEIGA
RAFAEL DE SOUSA CARVALHO
SELMA PEREIRA
SUSANA COSTA
THALITA DE CÁSSIA REIS TEODORO
THAYNÁ GOMES DE MELO LEITE



1ª EDIÇÃO

FORTALEZA-CE | 2025

INVESTIGAÇÃO EM ARTE, ENSINO E EXPERIÊNCIAS TRANSCONTINENTAIS

© 2025 Copyright by José Albio Moreira de Sales e Mirian Nogueira Tavares (Orgs.)

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Jarles Lopes de Medeiros
jarles.lopes@uece.br

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UID/04019: Centro de Investigação em Artes e Comunicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

5163i Sales, José Albio Moreira de

Investigação em arte, ensino e experiências transccontinentais/
José Albio Moreira de Sales; Mirian Nogueira Tavares (org.). – Forta-
leza: EdUECE, 2025.

295p. il. [livro eletrônico]

ISBN: 978-85-7826-996-8

<https://doi.org/10.34623/ye65-be91/978-85-7826-996-8>

1. Arte. 2. Educação. 3. Ensino. 4. Experiência. 5. Sales, José Albio Mo-
reira de. 6. Tavares, Mirian Nogueira. I. Título

CDD 370

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO • 7

José Albio Moreira Sales

Mirian Nogueira Tavares

PARTE I

ARTE, INTERDISCIPLINARIDADE, CULTURA E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

1 **PROJETO INVITRO: NO CAMINHO DA DEMOCRATIZAÇÃO E DA TRANSDISCIPLINARIDADE ENTRE ARTEFATOS, EXPERIÊNCIAS E PENSAMENTO CRIATIVO • 15**

Adérito Fernandes-Marcos

Selma Pereira

2 **A/R/COGRAFIA NO ENSINO E PRÁTICA ARTÍSTICA: A EXPERIÊNCIA NO DOCTORAMENTO EM MÉDIA-ARTE DIGITAL • 35**

Pedro Alves da Veiga

3 **O JOGO UNBULLY: FANTASIA E EMPATIA PARA ENFRENTAR O DISCURSO DE ÓDIO EM COMUNIDADES ONLINE • 66**

Gabriel Evangelista

Susana Costa

Ana Filipa Martins

Bruno Mendes da Silva

4 **ARTE E CULTURA POPULAR NOS CURSOS DE ARTES VISUAIS: INSISTÊNCIA/RESISTÊNCIA • 89**

Leda Maria de Barros Guimarães

PARTE II

ENSINO, PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO DA ARTE

5 **A ESPETACULARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: INVESTIGANDO O IMAGINÁRIO VISUAL DE UMA ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO • 127**

João Álvaro Fernandes

António Fragoso

- 6 O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NUMA PERSPETIVA PÓS-HUMANISTA: O CASO DE MARROCOS • 152**
Natália Laranjinha
- 7 EDUCAÇÃO ESTÉTICA EM MOSTRAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA • 172**
Elton da Silva Souza
Ana Cristina de Moraes
- 8 PRESENÇA DO CORPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFORREFERENCIADAS PARA UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL E ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE • 190**
Thalita de Cássia Reis Teodoro
Francione Oliveira Carvalho

PARTE III

ARTE NO DIÁLOGO COM A *POÍESIS* E FORMAÇÃO ESTÉTICA

- 9 EMPOEMAR A UNIVERSIDADE É PRECISO • 215**
Francisco Silva Cavalcante Junior
- 10 IMPERMANÊNCIA PRÍSTINA DA IMAGEM-SERPENTE • 231**
Rafael de Sousa Carvalho
Thayná Gomes de Melo Leite
José Albio Moreira Sales
- 11 SOBRE IMAGENS QUE COMPÕEM COM ESCRITAS NO AGENCIAMENTO DE UM DIÁRIO COLETIVO • 243**
Marilda Oliveira de Oliveira
Denise Meller Losekann
- 12 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO COMO OBRA DE ARTE: ENSINAR EXIGE ÉTICA E ESTÉTICA • 265**
Elter Manuel Carlos

7 EDUCAÇÃO ESTÉTICA EM MOSTRAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

<https://doi.org/10.34623/650q-3492/978-85-7826-996-8/cap7>

ELTON DA SILVA SOUZA

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Pedagogo pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do grupo Investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH) e do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas (GEPAS).

E-mail: eltonda.souza@aluno.uece.br

ANA CRISTINA DE MORAES

Doutora em Educação (UNICAMP), com Estágio de Pós-Doutorado em Educação (UFC). Mestra em Educação (UFC). Especialista em Metodologia do Ensino de Artes (UECE). Graduada em Arte-educação (UniGrande) e em Serviço Social (UECE). Professora adjunta da UECE. Vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Educação da UECE - PPGE - e ao Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação - MAIE. Líder do Grupo de Pesquisa Investigações em Arte, Ensino e História (IARTEH). Bolsista de Produtividade pelo CNPq (PQ2). Agências financiadoras: CNPq e FUNCAP.

E-mail: cris.moraes@uece.br

Introdução

Durante o processo de investigação de mestrado, conduzido na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), desenvolvemos uma mostra artístico-pedagógica, em colaboração com estudantes do Curso de Pedagogia que participaram de uma pesquisa de mestrado. A iniciativa, centrada no método “Colcha de Retalhos”, de Berkenbrock-Rosito (2009), incentivou os participantes a criarem obras visuais inspiradas em suas próprias vivências. A qualidade e o impacto dessas produções nos motivaram a expandir o projeto para além das salas de aula, organizando uma exposição nos corredores da universidade.

O propósito deste artigo é refletir acerca do potencial educativo das mostras artístico-pedagógicas na formação de pedagogos, destacando como a interseção entre arte e o campo educacional pode enriquecer o aprendizado e fomentar a criatividade dos futuros profissionais da área.

Diferentemente dos princípios da pedagogia formal, que seguem uma abordagem progressiva e linear, com os alunos adquirindo conhecimentos transmitidos pelo professor tradicional, a construção dessa experiência adotou uma perspectiva que possibilitasse o surgimento do que Moraes e Ribeiro (2020, p. 15) chamam de a figura do artista-pedagogo e político (conceito este também associado a Schiller, como ele mesmo também pontua) que “designa o educador que cuida de sua matéria, o homem, tanto objetiva como subjetivamente, via pro-

cessos educativos, com a intenção de promover uma educação estética”, ao passo que a adoção de tal perspectiva nos permitiu caminharmos por uma metodologia que instaura um processo criativo recorrendo a uma pedagogia acolhedora e criativa.

Segundo Pimentel (2018), desde meados do século XX, as práticas artístico-pedagógicas passaram por transformações significativas no que tange as suas propostas e finalidades educativas. A autora salienta que, antes, essas práticas eram frequentemente limitadas a técnicas isoladas, aplicadas em uma única aula e com objetivos restritos. No entanto, atualmente, observamos uma mudança para projetos mais abrangentes, que integram tanto ações teóricas quanto práticas. Essa evolução reflete uma saída do tecnicismo em direção a uma compreensão mais profunda e conceitual.

A escolha de práticas específicas, tanto no campo artístico quanto no pedagógico, não se restringe mais a meras técnicas. Agora, busca-se uma visão mais completa e contextualizada. Isso está alinhado à Abordagem Triangular, que considera os aspectos de criação, apreciação e reflexão na educação artística. A arte transcende fronteiras de tempo, espaço e lugar, influenciando e sendo influenciada pelo contexto social em constante mudança, e isso implica um enriquecimento de saber e aprendizagem quando instituído de forma séria em ambientes de formação.

Refletimos, neste capítulo, sobre o potencial estético-formativo das mostras artístico-pedagógicas pós-cenário pandêmico, em que instituições de ensino superior tentam superar um processo de mortificação tanto estrutural (após longos anos de abandono do poder público) quanto de desânimo e desencanto por parte do seu corpo discente. Em seguida, apresentamos nossa experiência com mostra artístico-pedagógica e o potencial que vimos nessa experiência.

Para que é uma mostra artístico-pedagógica?

Em colapso o planeta gira, tanta mentira
 Aumenta a ira de quem sofre mudo
 A página vira, o são delira, então a gente pira
 E no meio disso tudo, ‘tamo tipo...
 Passarinhos
 Soltos a voar dispostos
 A achar um ninho
 Nem que seja no peito um do outro
 Passarinhos
 (Emicida e Vanessa da Mata)

A complexidade do ambiente acadêmico contemporâneo, caracterizado por uma diversidade de desafios educacionais, impõe a demanda por uma formação mais abrangente e flexível para os futuros professores. Um dos desafios mais recentes da educação no Brasil foi a pandemia de SARS-Cov-2 (covid-19). Segundo Meneses e Souza (2022), durante o período da pandemia, as instituições de ensino no Brasil enfrentaram inúmeros desafios, para as universidades, por exemplo, a extensão se tornou especialmente complexa devido ao distanciamento social. Além disso, conciliar essa atividade extensionista com o ensino e a pesquisa, especialmente nas áreas humanas que valorizam a interação interpessoal, foi um dos grandes obstáculos, e essa condição imposta por aquele período deixou algumas sequelas para a criação de propostas artísticas, culturais e pedagógicas em espaços coletivos.

A música “Passarinhos” (composição de Emicida e Vanessa da Mata), com a qual abrimos este tópico, utiliza uma metáfora poética para abordar o cansaço e desgaste emocional diante das adversidades da vida moderna. O anseio implícito da canção pela harmonia e a sustentabilidade (em diversos âmbitos) nos fez refletir sobre as questões que estamos tentando enfrentar nos espaços acadêmicos, como, por exemplo, a mor-

tificação, a desmotivação e a falta de esperança na educação, enquanto buscamos meios de consolidar estes “ninhos” nas relações humanas institucionais, aqui simbolizados por um lugar seguro, acolhedor, formativo e que incentive a criatividade dos indivíduos.

Nesse contexto, a busca constante por aprimoramento e inovação no processo de ensino e aprendizagem é uma realidade da qual precisamos estar atentos “[...] sobre a fragmentação e a mortificação do corpo na universidade e sua necessária mobilização, tendo em vista uma intenção seria de educação integral [...]” (Moraes; Ribeiro, 2020, p.18). Para que os futuros professores estejam preparados para enfrentar essa complexidade, é fundamental que as licenciaturas incluam experiências culturais e artísticas enriquecedoras durante a sua formação inicial, para que possamos dotar vida novamente nos espaços institucionais.

Entendemos que despertar o interesse pelo conhecimento exige mais do que simplesmente transmitir informações. É fundamental capturar a atenção, envolver os sentidos e criar uma verdadeira atração pelo saber, tal posicionamento corresponde ao que Moraes (2020) chama de sedução pedagógica:

Em perspectiva aproximada, George Snyders (1995) atribui a essa dimensão sedutora do processo de ensino/aprendizagem o que ele concebe como ‘alegria cultural’, uma dinâmica interativa e atrativa necessária à conquista de aprendizagens significativas em espaços formais de ensino. Para ele, sedução pedagógica e alegria caminham juntas, sendo esta uma força que gera envolvimento e engrandece um trabalho educativo [...] (Moraes, 2020, p. 74).

Nesse cenário, é crucial que os educadores considerem cuidadosamente esse aspecto. Suas estratégias pedagógicas devem ser cativantes e alinhadas aos interesses e valores dos estudantes para que, através dessa sedução, possamos cons-

truir uma conexão entre o conhecimento e a curiosidade dos alunos, tornando o processo educativo mais significativo e envolvente (Moraes, 2020).

Ao vivenciar diferentes expressões culturais, como música, literatura, artes visuais e teatro, os futuros professores ampliam seu repertório e desenvolvem habilidades essenciais, pelo menos é isso que mostra pesquisas recentes como a de Lima (2024), sobre musicalização na formação de pedagogos, ou de Moraes, Paixão e Silva (2023), com literatura de Cordel. Essa imersão, como vemos nos trabalhos citados, não se limita apenas ao conhecimento técnico, ela também promove sensibilidade, criatividade e pensamento crítico, pois quando os (futuros) professores têm contato com a riqueza da cultura e da arte, tornam-se mais aptos a compreender e atender às necessidades diversificadas de seus alunos.

Lampert e Nunes (2015) expressam receio de que o comprometimento intenso às atividades de docência muito rígidas pode resultar em um distanciamento dos espaços artísticos e acadêmicos, afetando a relação criativa com o planejamento, a pesquisa e a criação poética. Essa situação, pontua Lampert e Nunes (2015), evidencia uma lacuna entre a educação, os museus e os circuitos artísticos, reforçando a noção de que o melhor é deixar cada um em seu espaço de legitimação, quando, na verdade, um elo entre todos esses espaços e a disseminação dos seus saberes para um público abrangente pode ser proveitoso.

Quando propomos formação cultural de forma acessível nas universidades, isso acaba por reverberar positivamente na formação, mas, frequentemente, esbarra na falta de investimento para ações dessa natureza. No entanto, temos sido insurgentes e feito da maneira possível esses tipos de experiência. Professores que valorizam e incorporam elementos artísticos em sua prática pedagógica conseguem estimular o interesse dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo, além disso a sensibilidade cultural permite que os docentes reconhe-

çam as diferentes perspectivas e identidades presentes na sala de aula, criando um ambiente mais inclusivo e enriquecedor, Souza (2024) aponta isso com seu estudo.

Ao delinear uma mostra artística no nosso imaginário, vem provavelmente na nossa mente um evento que ocorre em galerias ou museus para expor obras de arte. Mas essa lógica espacial pode e deve ser subvertida, e foi o que fizemos com uma turma de oitavo semestre do Curso de Pedagogia, ao levar nossa mostra para os corredores do bloco do curso na UVA – uma das três universidades públicas estaduais do Ceará.

Nosso desejo, ao conceber essa atividade, era de proporcionar ao público a oportunidade de apreciar e refletir sobre as manifestações artísticas produzidas pelos estudantes. Como Peixe e Domes (2022, p. 03), acreditamos que a construção de movimentos interativos no ambiente arte-educativo pode criar espaços que permita novas perspectivas, visando expandir os conhecimentos dos alunos, assim como seus processos sensíveis, reflexivos e argumentativos. Além de oferecer aos pedagogos-artistas uma plataforma para apresentar suas criações ao público, essas exposições desempenham um papel crucial que vai muito além da simples mostra de arte. Os estudantes puderam estabelecer conexões não apenas por meio das obras, mas também uns com os outros e com suas próprias experiências, memórias e preocupações. Eles relacionaram essas conexões com seu contexto social, suas condições de vida atuais e suas histórias pessoais.

Os retalhos (como chamamos as produções dessa atividade) eram inspirados nas metáforas imagéticas das histórias de vida dos participantes. Estas histórias foram escritas e refletidas por eles, em um movimento dialético e coletivo que, ao passo que se consolidava, enriquecia a bagagem cultural dos participantes. A exposição de obras incentivou discussões e reflexões sobre questões sociais, culturais e estéticas em meio aos corredores da universidade.

Figura 1 – A mostra artística nos corredores



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Respondendo à pergunta que abre esta seção, no contexto educacional, as mostras artísticas que imbuem intenções pedagógicas desempenham um papel relevante ao inspirar professores a desenvolverem atividades criativas em sala de aula e, ainda, ao ampliar a sensibilidade estética dos educadores, tornando-os mais aptos a estimular a apreciação estética nos discentes. Além disso, as artes podem ser integradas a outras disciplinas, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem (inclusive, foi o que fizemos).

Segundo Souza e Santos (2024), abordagem dessa natureza contribui para a formação estética omnilateral dos pedagogos, considerando não apenas os meios formais de atuação, como professor ou estudante, mas também os diversos aspectos da vida como um todo. Trata-se de uma formação que abrange múltiplas dimensões humanas, promovendo um desenvolvimento integral e abrangente.

Segundo Moraes (2020), como educadores, vale a pena nos atentarmos para a qualidade estética do que oferecemos

aos aprendizes, seja em textos escritos, visuais, sonoros ou corporais. Promover diferentes formas de organização espacial na sala de aula, acolhendo os corpos para interagirem uns com os outros, e deslocar a “aula” para outros espaços, como uma praça, um museu ou os corredores da universidade, são ações que enriquecem a experiência educacional. Essas práticas fomentam a conversação, a troca e o encontro de corpos perceptivos que vivificam os sentidos, criando uma relação mais profunda com o mundo.

Encorajamos a presença de corpos vibráteis assim como Moraes (2020), nos quais as experiências acontecem intensamente no nível dos afetos e do imaginário, servindo de base para nossas elaborações e, conseqüentemente, para mutações subjetivas. Corpos lúdicos, brincalhões, pesquisadores, conhecedores e expressivos instauram uma maior potência de vida nos processos educacionais, transformando a aprendizagem em uma experiência mais rica e envolvente.

Do processo criativo à efetivação de uma experiência

Durante o período de novembro de 2022 a fevereiro de 2023, colaboramos com a professora responsável pela turma de Pedagogia na elaboração do plano de atividades para a disciplina Práticas Integradoras VIII. Nossas discussões refinaram a proposta da disciplina e optamos por desenvolver um curso de extensão baseado na abordagem da Colcha de Retalhos. O ponto de partida dessas intervenções remonta a uma investigação de mestrado, que organizou uma turma do oitavo período do Curso de Pedagogia para uma pesquisa-formação (Moraes; Queiroz; Lima, 2024) realizada entre 07 de março de 2023 e 16 de maio de 2023.

Os vínculos implícitos que deram origem à nossa mostra artístico-pedagógica são centrados nos aspectos identitários, que se manifestam dentro das criações artísticas e exploram, de

maneira criativa, diversos universos possíveis que se originaram das narrativas (auto)biográficas elaboradas por meio do dispositivo Colcha de Retalhos.

Assim, a tessitura dos processos metodológicos dessa experiência se amparou no dispositivo formativo e investigativo Colcha de Retalhos, de Berkenbrock-Rosito (2009). Esse dispositivo se baseia na ideia de que o desenvolvimento da autonomia e emancipação das pessoas ocorre através da utilização da narrativa e da reflexão sobre a dimensão estética de sua jornada formativa. Ao utilizar a narrativa, os participantes são encorajados a revisitar e reinterpretar suas experiências de vida, integrando-as de maneira que favoreça um crescimento pessoal e um entendimento mais profundo de si mesmos.

A metodologia proposta por Berkenbrock-Rosito (2009) opera em três dimensões distintas: escrita, pictórica e oral. Cada uma dessas dimensões traz uma forma única de expressão e reflexão, possibilitando uma abordagem multifacetada do processo formativo. A escrita permite a elaboração detalhada das experiências, enquanto a dimensão pictórica oferece uma representação visual e simbólica dessas vivências. A dimensão oral, por sua vez, facilita a troca de histórias e percepções em um contexto coletivo, promovendo um ambiente de aprendizado compartilhado.

Essas três dimensões combinadas criam um ambiente propício para a emancipação e o desenvolvimento integral dos participantes. A dimensão autobiográfica, que envolve a reflexão sobre histórias pessoais, proporciona uma compreensão mais abrangente das trajetórias individuais. A dimensão coletiva promove a troca de experiências e reflexões entre os participantes, enriquecendo o aprendizado através da diversidade de perspectivas. A dimensão estética valoriza a beleza e a criatividade no processo formativo, incentivando a expressão artística como um meio de reflexão e autoconhecimento. Juntas, essas dimensões fornecem um suporte robusto para o

desenvolvimento da autonomia e emancipação pessoal (Souza; Santos, 2024).

Durante nossas atividades em sala de aula, realizamos algumas adaptações, seguindo a abordagem proposta por Santos e Astigarraga (2023). Elas iniciam o processo introduzindo os princípios epistemológicos do dispositivo e, em seguida:

Assistimos ao filme (1ª etapa), em seguida houve diálogos para saber o que achamos do filme e quais metáforas identificadas podíamos correlacionar a nossa história de vida e possivelmente usar como inspiração nas nossas narrativas (auto)biográficas (2ª etapa). Depois desses diálogos, solicitou-se que começássemos a escrita da nossa história de vida (3ª etapa) para entregar e apresentar ao final da disciplina (Santos; Astigarraga, 2023, p. 10).

Dessa forma, o procedimento foi se encaminhando gradualmente durante todo o período da pesquisa formação, visando garantir a cada indivíduo um período substancial para redigir, criar e refletir sobre o processo, além de dar oportunidades para discutir as ideias dos autores ligados aos nossos aportes, explorados ao longo da disciplina. Isso ocorreu antes da submissão do texto final dos alunos e das atividades de culminância da disciplina.

A exposição dos retalhos, acompanhada pela criação de *banners* para apresentação à comunidade acadêmica, transcendeu os limites das quatro paredes da sala de aula, disseminando essas aprendizagens pelos corredores e se tornando uma iniciativa que se amplia do singular ao plural (Josso, 2004). A pesquisa-formação (Moraes; Queiroz; Lima, 2024) integrou, assim, a dimensão formativa como um elemento potencial e crucial da investigação (Josso, 2004), transformando cada fase em uma experiência meticulosamente elaborada para facilitar a adoção de uma abordagem pedagógica inclusiva (Souza, 2024). Os

participantes foram incentivados a refletir teoricamente sobre sua formação e a convidar seus colegas para se envolverem na atividade.

Segundo Berkenbrock-Rosito e Oliveira (2022), narrar é encontrar-se consigo mesmo. A arte de narrar a si próprio na criação da “Colcha de Retalhos” é proposta como um espaço de Experiência Estética, essa abordagem fundamenta-se na ideia de que o desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos também ocorre através das narrativas autobiográficas, oferecendo a possibilidade de decidir o que narrar e o que omitir. Isso implica uma reflexão profunda na formação do professor.

Peixe e Domes (2022) acreditam que as histórias de vida podem ser comparadas a tecidos meticulosamente entrelaçados ao longo do tempo. Como fios cuidadosamente selecionados, essas narrativas refletem padrões e texturas únicas. No ambiente da sala de aula, cada estudante assume o papel de artesão, criando seu próprio tecido a partir das experiências propostas. Os fios que lhes são oportunizados pelo professor são habilmente urdidos, formando uma trama singular. Educadores e educandos, em suas trajetórias cotidianas, tecem essas histórias, revelando os fios invisíveis que os conectam e moldam suas jornadas (Peixe; Domes, 2022, p. 21).

Ao construir uma oportunidade para que os participantes compartilhassem o que aprenderam através da experiência desenvolvida em aula, eles relataram e incluíram em seus *banners* de apresentação suas próprias vivências, detalhando nos escritos exatamente o impacto desse processo de aprendizagem, e a mostra, que poderia ser apenas os seus produtos imagéticos descontextualizados, passou a integrar um processo didático formativo que se potencializou por meio da junção do artística com intuito pedagógico.

Certamente, podemos observar a onipresença das imagens em nossa vida diária; no entanto, quando essas imagens são estrategicamente integradas pelo professor às dinâmicas

formativas, e quando estas são fruto do próprio trabalho dos estudantes, elas adquirem novas dimensões reflexivas. Como bem ressaltado por Peixe e Domes (2022), elas não apenas incentivam a construção e reconstrução de narrativas e histórias pessoais, mas também promovem caminhos de aprendizado profundamente significativos.

Ao situar essas narrativas no contexto das interações e relações com os alunos, as imagens não são apenas ferramentas visuais, mas catalisadores que enriquecem o ambiente educacional, estimulando um pensamento crítico e uma conexão emocional mais profunda com o conteúdo ensinado.

Figura 2 – Momento de produção coletiva do retalho



Fonte: Elaboração própria dos autores.

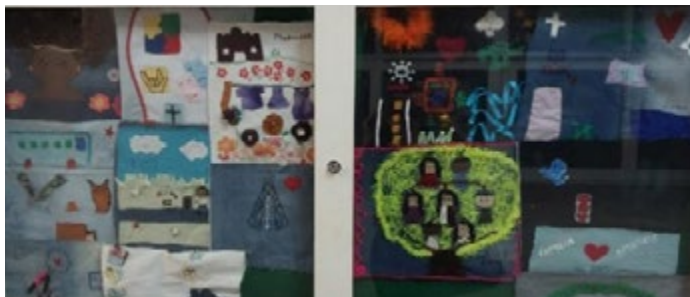
A colcha de retalhos é um procedimento metodológico que traz, inerentemente, uma dimensão estética presente em todas essas formas de expressão. Essa metodologia auxilia bastante no processo de memorização, que, conseqüentemente, facilita o transcurso das ideias para o papel, promovendo a

escrita de si. Ao revisitar suas histórias e representá-las de diferentes maneiras, os participantes conseguem criar uma narrativa coerente e significativa de suas trajetórias, o que contribui para um maior autoconhecimento e crescimento pessoal. Segundo Peixe e Domes (2022p.12) “[...] enquanto educadores, nosso fazer docente se constitui em um campo investigativo, no qual as experiências ali engendradas abrem espaço para trazer à tona aspectos relacionais e da memória, impulsionando diálogos com as nossas próprias identidades”.

De acordo com Freire (2021), as relações estabelecidas no processo formativo, seja conosco, com os objetos ou com o próprio conhecimento, configuram-se como uma arte e o professor como um artista. A natureza estética do ato de conhecer e das relações envolve domínios estéticos, exigindo criatividade e emoção (Berkenbrock-Rosito; Oliveira, 2022).

O processo interventivo de uma mostra artística e pedagógica, fruto de uma experiência como a descrita anteriormente, revela-se essencial para a educação estética e formação cultural dos participantes. Ao integrar propostas artísticas com abordagens pedagógicas, a mostra possibilita uma exploração profunda das identidades e das narrativas pessoais, promovendo um ambiente onde criatividade e emoção se entrelaçam.

Figura 3 – Partes da Colcha de Retalhos produzida pela turma de Pedagogia



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Por meio desse processo, os alunos desenvolvem não apenas suas habilidades estéticas, mas também uma consciência crítica sobre si e o mundo ao seu redor. Essa prática fomenta a autonomia e a emancipação dos sujeitos, permitindo que eles exerçam uma reflexão crítica sobre suas próprias histórias e escolhas narrativas. O impacto dessa ação é significativo, pois contribui para a construção de uma cultura educativa mais inclusiva e reflexiva, em que a Arte e a Pedagogia se fundem para formar indivíduos mais conscientes e integrados em suas identidades culturais.

Considerações finais

Refletindo sobre o que foi vivenciado na construção dessa experiência investigativo-formativa e decorrentes dos estudos que fizemos para elaborar este texto sobre propostas de mostras artístico-pedagógicas e seus desdobramentos, pudemos revisitar nossas próprias experiências, lembranças de situações que moldaram nossa trajetória como estudante e influenciaram nossos processos de formação, momentos esses que propusemos durante esta investigação.

A criação de espaços coletivos para a partilha de saberes e apreciação artística, como o que vivenciamos e discutimos neste texto, assume fundamental importância por diversas razões. Primeiramente, esses espaços fomentam o intercâmbio de ideias, permitindo que pessoas de diferentes origens e perspectivas compartilhem conhecimentos, experiências e *insights*.

Essa troca enriquece a compreensão mútua e estimula a criatividade, fortalecendo laços entre educadores e aprendizes. Além disso, a apreciação artística em um ambiente coletivo permite que as pessoas se conectem emocionalmente com as obras e umas com as outras, criando uma comunidade mais coesa e empática. A arte tem o poder de transcender barreiras culturais e linguísticas, facilitando o diálogo e a compreensão intercultural.

Esses espaços também servem como plataformas de inclusão e diversidade, valorizando a voz de artistas e pensadores que, de outra forma, poderiam não ser ouvidos. Eles oferecem uma oportunidade para que novas narrativas sejam exploradas e visibilizadas, promovendo a equidade, do ponto de vista educacional. A partilha coletiva de saberes e experiências artísticas estimula o pensamento crítico, a inovação e a aprendizagem colaborativa. Os participantes são incentivados a questionar, refletir e cocriar, desenvolvendo habilidades essenciais para a vida e o trabalho no século XXI.

Finalmente, a criação de espaços coletivos de partilha de saber e apreciação artística fortalece o senso de comunidade e pertencimento. Eles se tornam pontos de encontro onde indivíduos podem se sentir parte de algo maior, contribuindo para a construção de lugares afetivos capazes de proporcionar liberdade criativa.

Referências

BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de retalhos: história de vida e imaginário na formação. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 34, n. 03, p. 487-500, dez. 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198464442009000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2023.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; OLIVEIRA, K. M. de. Experiência estética: Autonomia e submissão tramada de medo e ousadia na tecedura da “Colcha de Retalhos”. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2918–2936, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i4.17455

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para à prática educativa*. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LAMPERT, J.; NUNES, C. Entre a prática pedagógica e a prática artística: Reflexões sobre Arte e Arte Educação. *Revista Digital do LAV, [S. l.]*, v. 7, n. 3, p. 100–112, 2015. DOI: 10.5902/1983734814258

LIMA, A. K. R. *A musicalização na formação docente: implicações do conhecimento artístico no repertório pedagógico-cultural de pedagogos/as*. 2024. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2024) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalho-AcademicoPublico.jsf?id=113581>. Acesso em: 3 jul. 2024.

MENESES, J. M.; SOUZA, E. S. Extensão e (auto)biografia no Curso de pedagogia da UVA na pandemia. *Ensino em Perspectivas, [S. l.]*, v. 3, n. 1, p. 1–11, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/8827>. Acesso em: 4 jul. 2024.

MORAES, A. C. Interseção entre corpo, arte e educação estética: um corpo educador como metáfora da ação e formação docente. *Revista Educação e Linguagens*, p. 72–93, 2020.

MORAES, A. C.; RIBEIRO, L. T. F. Constituição de impulsos lúdicos pela educação estética de docentes: um olhar schilleriano. *Conjectura: filos. e Educ.*, Caxias do Sul, v. 25, e020028, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci.arttext&pid=S2178-46122020000100120&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MORAES, A. C.; PAIXAO, F.; SILVA, C. O. Experiência estética, formação de professores e a literatura de cordel nos processos de ensino e aprendizagem. *Educa – Revista Multidisciplinar em Educação*, v. 9, p. 1–17, 2023.

MORAES, A. C.; QUEIROZ, J. G.; LIMA, I. C. S. S. Pesquisa-formação: notas caleioscópicas embasadas em investigações no campo arte-educativo. *Revista Cocar*, v. 20, n. 38, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7520>. Acesso em: 02 mai. 2024.

PEIXE, R. I. P.; DOMES, A. M. Quando as imagens entram na sala de aula, tecem histórias, promovem diálogos e ampliam a compreensão artística. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 9, 2022. DOI: 10.22456/2357-9854.128560

PIMENTEL, L. G. Práticas artísticas e práticas pedagógicas: praticar o quê, para quê? *Revista Digital do LAV*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 342-348, 2018. DOI: 10.5902/1983734833428

SANTOS, C. A.; ASTIGARRAGA, A. A. A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade. *Revista Cocar*, [S. l.], v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6763>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SOUZA, E. S.; SANTOS, C. A. (Auto)biografia e formação estética omnilateral de pedagogos: reflexões sobre representações de si na formação inicial. In: MORAES, A. C.; MACEDO, E. M. S. (Org.). *Formação Docente e (Auto)Biografias*. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2024. v. 1, p. 19-35. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/livros-acesso-aberto/> Acesso em: 23 jun. 2024.

SOUZA, E. S. *Pedagogia Anti-Procusto: autobiografização e educação estética na formação de pedagogos*. 2024. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2024) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=113778>. Acesso em: 8 jul. 2024.